

Jacinto Lucas Pires



A GARGALHADA DE AUGUSTO REIS



JACINTO LUCAS PIRES

A GARGALHADA
DE AUGUSTO REIS

1974

1

A cidade calada como um bocado de lua dentro de um aquário. Passam automóveis, há obras a começar, mas ali não se ouve nada. Sentado junto ao vidro, Augusto Reis agradece aos dois empregados que lhe servem o pão e o leite. «Bom dia», diz. «Obrigado.» Um homem gorducho e careca; um ar distinto, qualquer coisa de teatral no modo de falar.

São oito e meia da manhã, mas parece mais tarde, as luzes acesas na sala. Lá fora, no Martim Moniz, o dia limpo e melancólico como uma peça de museu. Um empregado pára junto dele e diz alguma coisa. Distraído pelo cheiro tão antiquadamente realista do café, Augusto não tem a certeza de ter percebido.

«Estão a dizer que há uma... libertação, senhor professor.»

É Fernandes, o empregado mais jovem do hotel, um sujeito magro e pálido, com um sorriso feliz. Agora não sorri. Augusto olha para ele. Visto assim de baixo, tem uma maçã de adão desproporcional. Do tamanho de um punho fechado, de um coração, vá lá. Como é a expressão, ter o coração na boca? Já pousou na mesa o café para o professor se servir, mas continua ali, sério como um contabilista, de mãos atrás das costas.

«Houve um golpe, foi isso?»

«Na rádio dizem que é um movimento das Forças Armadas.»

«Ah, sim?» Augusto não sabe o que responder. Pelo que vê da janela, o mundo está igual. O largo parece de brinquedo, o céu continua azul. Não é possível que haja alguma mudança em marcha na Lisboa atrás do vidro. «Obrigado», diz.

Mas Fernandes já desapareceu para ir compor as flores da mesa do canto.

Sozinho com aquela informação, Augusto Reis olha as mãos sobre a toalha branca. Tantas linhas nas palmas, nunca as vira assim. Mãos de outra pessoa. Como papéis amarrotados que alguém tivesse apanhado do lixo para tentar ler. Será verdade, será este o dia em que o mundo muda?

À porta do hotel, o Boca de Sapo é um monumento brilhante.

«Senhor professor», diz o porteiro, como todas as manhãs. Augusto responde com um ligeiro baixar de cabeça. Ao sair para a rua, o ar, o som, as cores da cidade acordam-no uma segunda vez.

Avança para o automóvel, Orlando abre a porta de trás para que ele entre. Tudo normal, afinal de contas.

«Bom dia, Orlando.»

«Bom dia, senhor professor.» Quando se senta ao volante, o motorista compõe a gravata, o tique habitual, e engole em seco. Um rosto moreno e estreito, com uma boca pequena, de lábios finos, que parece feita mais para guardar segredos do que para falar. «Já sabe das novidades?»

«Houve uma tentativa de golpe, percebi bem?»

«Os militares tomaram as emissoras de rádio, a televisão, o Terreiro do Paço, o Quartel-General.» Orlando roda o volante com a fleuma de sempre. Um estilo muito próprio, a meio caminho entre uma serenidade ensaiada e um aborrecimento transcendental. «A coisa parece séria.»

No vidro, pelo contrário, a cidade é cómica. Fachadas cinzentonas de olhos fechados, semáforos burros, uma árvore no meio do nada, letreiros gritando o óbvio por extenso, e pombos, muitos pombos, abrindo as asas como pássaros de verdade, catando sem pudor pio-lhos invisíveis, revoando palhaçadamente à volta de estátuas, despenteando os espaços da forma mais absurda. Augusto olha pela janela do automóvel e não consegue deixar de sentir que Lisboa é apenas um cenário, que atrás daquilo não há nada. Nenhum mistério, nenhum perigo, vida nenhuma. Mas é Lisboa ou a cabeça dele? De repente, nos Restauradores, um homem novo, em mangas de camisa, atravessando a estrada a correr.

Passeio abaixo, em direção ao Rossio, ao rio. Um homem de branco, de relance, correndo não como quem está atrasado mas como quem está, qual é a palavra, feliz?

«Vou sair aqui no semáforo. Tenho de ir ver uma coisa lá para cima.»

«Aqui, senhor professor?»

«Encontramo-nos no Banco mais logo, sim?»

Sobe pela Praça da Alegria até ao Príncipe Real, e daí desce até ao edifício do jornal *Agora*. No andar da redação pergunta pelo Manuel Franches a uma rapariga que sai da casa de banho como se fugisse de um prédio arder. Ela encara-o durante um momento, desconfiada, e depois diz que o melhor é entrar e procurar, que é um dia maluco, se ele não se importa. Augusto conhece-a de algum lado. Aquela cara chupada, aqueles grandes olhos tímidos. Mas de onde?

A sala da redação está quase vazia; a uma secretária ao canto, um tipo de bigode murcho escreve um texto à máquina. Acerta nas letras com uma força desumana.

«Bom dia», diz Augusto Reis.

O homem levanta a cabeça e baixa-a logo a seguir. Continua o trabalho de destruir palavras. Augusto segue caminho. Foi um erro ir ali.

Nesse momento abre-se a porta do gabinete do diretor e aparece Manuel Franches. Óculos aquadrados, cabelo doido. «Ah, és tu, Augusto!», diz, abrindo os braços. Depois vira-se para o tipo murcho no canto e, descendo o tom como se saltasse da primeira página para os obituários, pergunta-lhe se ele ainda não acabou o trabalho. O homem levanta a cabeça e, sem uma palavra, torna a baixá-la. «Ainda falta, não é?», diz-lhe o diretor, antes de indicar a Augusto a porta do gabinete. «Isto hoje está uma loucura...»

O gabinete é bastante pequeno e cheira a sabão azul. Atrás da secretária, a janela aberta.

«Mas então, afinal de contas, o que é que...», começa a dizer Augusto quando toca o telefone. Franches atende, e ele desvia o olhar.

Na parede à direita há um mapa-múndi, Augusto aproxima-se fingindo interesse. Cores primárias, uma por continente, a Terra como um jogo infantil. Observa o planeta alegre preso por pioneses,

faz-se distraído enquanto o jornalista vai repetindo expressões de incredulidade ao telefone. A América é vermelha, a África amarela e os Polos não têm cor. Lisboa é só uma bolinha preta à beira-mar.

Contra o retângulo de luz da janela, a silhueta do velho jornalista tem qualquer coisa de monstruoso. «Tens a certeza?», pergunta para o aparelho.

«Franches?», diz Augusto.

O diretor do jornal faz-lhe sinal para esperar e depois, parecendo estranhamente espantado com a presença dele ali, aponta-lhe a cadeira.

Augusto quer tudo menos sentar-se. Não, vai dizer-lhe um adeus silencioso e sair. «Franches?»

«Preciso da tua ajuda», diz ele, desligando o telefone. Como quem vai partilhar um segredo, aproxima-se de Augusto com aqueles olhos quadrados, a cheirar a tabaco. «Podes ajudar?»

São interrompidos pela porta a abrir-se. É a rapariga dos olhos grandes. «Peço desculpa...»

Franches faz-lhe sinal para entrar. «Não, claro... Diz, Maria, o que é que foi?»

«É que... Era para perguntar se já se sabe alguma coisa dos presos políticos. O que é que lhes vai acontecer?»

De repente, Augusto lembra-se. Maria, claro. É a rapariga que, há uns meses, o apanhou com Franches à saída do jornal e lhes veio pedir conselho para o caso da irmã. Uma tal Tina Aires, que fora presa por «ações contra a segurança do Estado». Na altura, ele e Franches responderam-lhe de um modo vago e geral. Que isso eram situações muito complicadas, que o mais importante era arranjar bons advogados de defesa... A rapariga foi-se embora, desconsolada, e Franches contou a Augusto o rumor de que a irmã era comunista. Uma mulher muito esperta e muito «avançada». Mas que a Maria era boa profissional, séria, não se metia em políticas.

«Ainda não se sabe, Maria», responde Franches. «É preciso ter calma e ver o que acontece. Se eu souber de alguma coisa, aviso-te logo, não te preocupes.»

«Agradecia muito...», diz ela, baixando os olhos, fechando a porta.

Augusto olha-a. Do lado de lá da porta envidraçada, o vulto da rapariga a afastar-se. «O que é que se passa?»

«Não sabes?»

«Ouvi umas coisas, mas não sei se percebi o sentido exato do...»

«Nem tu nem ninguém. Mas é um dia histórico!», diz o jornalista, tirando os óculos. Um canastrão forçando a pausa para que a grande frase tenha eco. «O exército tomou o poder. Controlam a situação e lançaram comunicados a dizer isso mesmo.»

«Quem?»

«Militares de carreira. Quem chefiou foi um capitão, um tal Salgueiro Maia, de Santarém. Mas os nomes que aparecem agora são o Spínola, claro, Costa Gomes, Rosa Coutinho...»

«É a guerra, portanto.»

O velho jornalista volta a pôr os óculos, regressa a si próprio. «Não tens medo?»

«Devia ter?»

«Não sei, sendo administrador do Banco e estando... tendo algumas ligações ao regime, não sei se...»

«Todos temos ligações ao regime. A começar pelos militares, como é óbvio.»

«Isso é verdade.»

«Este jornal, por exemplo», diz Augusto, indicando o mundo preso à parede. Franches não diz nada. «É propriedade do grupo do Banco.»

«E então?»

«Pois, é isso que eu estou a dizer.»

Franches coça o nariz. Atrás das lentes, o olhar ligeiramente desfocado de quem não percebe.

«“E então”», diz Augusto.

OLA BOLA

1

No lixo, as letras. Djalma anda com a mãe a catar cartão quando vê aquilo. Uma folha pequena, meio cinzenta, meio azul como a pele de alguns peixes, e estranhamente limpa. Traz umas letras muito direitas que formam retângulos de palavras iguais às sombras dos prédios da Amadora. Como se, de noite, as sombras do dia encolhessem para poderem dormir naquela página no alto do monte de lixo.

A luz do candeeiro de rua chega lá acima muito quebrada, e há um cheiro a podre, a cinza, a borracha. Vapores grossos, esponjosos, que lhes sobem pelas pernas até à boca, ao nariz, ao cérebro, como se o chão respirasse maldade. Daí a uns dias, o senhor Rodrigues há de regressar ao bairro na sua camionetazinha Toyota para comprar cartão e ferro, «Só ferro-ferro, não quero cá aço!», daí haver tantas pessoas ali, gente do bairro como eles, à cata de uns trocos. Mas ninguém repara naquilo. Um tesouro só para ele. Aquela folha limpa entre tanta confusão. Djalma nem acredita.

Espreitando em redor, para ter a certeza de que ninguém o vê, pega na folha e mete-a por baixo da t-shirt, contra a barriga. Ali nada é de ninguém, o lixo não tem dono; ainda assim, o instinto fá-lo esconder a folha escrita. O rapaz pressente que aquilo é raro, que é valioso. Como não serve para nada, como não tem explicação, é uma coisa perigosa, deve ser perigosa, tem cuidado, Djalma.

Em casa, põe a folha na caixa de lata onde guarda as coisas importantes. Cromos de futebol, um canivete ferrugento, uma lanterna, uma concha encontrada na horta junto à estrada, duas moedas de um escudo. Não diz nada à mãe. Fecha os olhos, fingindo adormecer.

Espera pelo momento em que começa a ouvir a respiração mais pesada de dona Lurdes do outro lado da parede e só então abre a caixa. De joelhos no chão de terra, lê a folha espantosa. O título, *Poema em cima da hora*, depois o resto.

Não percebe nada. Fica um bom tempo a olhar para as palavras, à espera de algum efeito mágico, uma voz, uma luz, mas não acontece nada. Volta a ler o poema. Sabe que é um poema porque é o que lá diz. E, de novo, não percebe. É mesmo difícil, um mistério a sério.

Aproximando a lanterna das letras a ver se isso muda alguma coisa nelas, Djalma parece um mineiro, um explorador, a escavar palavras antigas. Depois guarda a folha na caixa e decide que tem de ser assim, que a dificuldade em atravessar aquelas frases para o que elas guardam atrás delas é a prova de que aquilo não é uma coisa qualquer, um bocado estragado de alguma felicidade que uma pessoa dos prédios tivesse deitado fora, lixo para acrescentar ao lixo, não. A estranheza daquelas palavras é para ele a garantia de que há ali algo mesmo raro e importante.

Todas as noites, durante anos, lê o poema em silêncio antes de adormecer. Ou não é bem ler. É menos e mais do que isso. Todas as noites Djalma reza aquele poema. Não se preocupa em perceber as frases, repete-as como que acreditando que assim elas entrarão nele, ou que ele entrará nelas e, através delas, passará para um outro mundo, um país das maravilhas só seu. Esse ritual, dizer aquelas palavras todas as noites, em silêncio e em segredo, dá-lhe uma sensação de segurança e também de orgulho e responsabilidade. Foste tu que encontraste a Página, não foi nenhum dos outros, foste tu. Isso torna-te único.